



VOZ DA FÁTIMA

Secundando o apelo do Senhor D. João Pereira Venâncio, Vigário Capitular, pede-se a todos os Cruzados da Fátima que unam as suas orações às dos fiéis de Leiria, para obter de Nossa Senhora que conceda a esta Diocese um Bispo segundo o coração de Deus, digno herdeiro da gloriosa herança que o Senhor D. José lhe deixou.

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas Oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XXXVI — N.º 424
13 de JANEIRO de 1958

Avença

Morreu o Senhor Bispo de Leiria

É com o coração dolorido que vimos dar aos nossos leitores a notícia, já recebida por outras vias, de que foi Deus servido chamar à Sua divina presença a alma do nosso querido e saudoso Bispo, o Senhor D. José Alves Correia da Silva. A sua morte causou em todo o País e no estrangeiro a mais profunda consternação e o mais sentido pesar, pois a sua inconfundível personalidade de há muito era respeitada e admirada por todos os que viam no Senhor D. José não só o Pastor solícito, o Guia desvelado e Chefe esclarecido do seu rebanho, mas também o Bispo da Fátima, o providencial Guardião da Mensagem de Nossa Senhora Aparecida na Cova da Iria.

O Senhor D. José Alves Correia da Silva era natural da freguesia de S. Pedro Fins, concelho da Maia. Nasceu a 15 de Janeiro de 1872.

Fez os seus estudos sucessivamente no Colégio do Espírito Santo e no Liceu de Braga, no Seminário dos Carvalhos e no Liceu do Porto.

Em 14 de Outubro de 1892 matriculou-se na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, onde confirmou os invulgares dotes da sua inteligência.

A 6 de Agosto de 1894, foi ordenado presbítero. Exerceu os cargos de professor de Filosofia e Latim no Liceu do Porto, professor de Ciências Eclesiásticas, de História e da Sagrada Escritura no Seminário Diocesano.

Nomeado Cónego, em 1905, desenvolveu uma notável acção pastoral na capital do Norte, salientando-se pelo seu apostolado nos meios operários. O seu nome fica indelévelmente ligado à história da Associação Católica do Porto e do Círculo Católico de Operários. Em pleno triunfo da demagogia republicana, deu eloquentes testemunhos da sua alma forte e corajosa, enfrentando heróicamente todos os atentados e todas as ofensas de que foi alvo a Igreja Católica, e chegando a estar encarcerado por mais de uma vez.

A 15 de Maio de 1920, foi nomeado Bispo da Diocese de Leiria pela Santo Padre Bento XV.

Vaga a Diocese desde 1873, extinto o Bispado desde 1882 e restaurado em 17 de Janeiro de 1918, a Diocese de Leiria sofrera os efeitos de uma situação, que os males dos últimos tempos de propaganda liberal e demagógica agravavam profundamente.

O Venerando Prelado de Leiria soube corresponder plenamente às graves necessidades espirituais e temporais da nova Diocese.

Empreendeu uma obra de restauração cristã que fica a constituir uma das páginas mais belas da História da Igreja em Portugal.

Nossa Senhora, que tinha escolhido a terra bendita da Fátima para fazer as suas revelações sobrenaturais, veio também consagrar e apostolado do Senhor D. José, começando este a realizar uma notável acção, que de-

pressa veio a ter uma projecção verdadeiramente internacional.

O Bispo da Fátima, como era conhecido, deixou ligado o seu nome às grandes manifestações religiosas que tiveram por cenário o recinto abençoado da Cova da Iria.

Com a morte do ilustre Prelado, desapareceu uma das mais populares,

A morte do grande e querido Pastor não foi um cortar de actividades, foi antes uma transferência: passou a trabalhar daqui para o Céu. Até aqui trabalhava na terra; agora pede por nós no Céu. E isso serve-nos de grande conforto.

A Diocese de Leiria e, nela, o Santuário da Fátima, choram profunda-

a alma do querido Senhor D. José Durante vários dias esteve entre a vida e a morte. Por mais de uma vez se julgou ter chegado ao fim aquela constituição robusta, que carinhosamente assistida, foi resistindo contra toda a esperança.

Nos últimos dias a vida era já uma vida artificialmente conservada pelas frequentes injeções. Começou por falar com grande dificuldade até perder por completo essa faculdade. Já desde alguns dias antes de morrer, havia deixado de se alimentar. Os rins, a trabalharem muito mal, acabaram por paralisar. A respiração fazia-se com dificuldade. Pouco a pouco com o organismo intoxicado, os tecidos começaram a perder a resistência e o corpo feria-se em vários sítios.

O Senhor D. José, enquanto pôde, celebrou na sua capela particular. Há tempos obteve-se-lhe licença para celebrar sentado e mandou-se construir altar adaptado. Ultimamente nem já sentado podia celebrar. Celebrava-lhe o Santo Sacrifício e dava-lhe a Sagrada Comunhão o seu dedicadíssimo Auxiliar, o Senhor D. João Pereira Venâncio.

A 25 de Novembro, ao manifestar-se uma crise maior, recebeu a Extrema-Unção perfeitamente consciente, perfeitamente lúcido, e acompanhando todas as cerimónias.

A morte sobreveio como um sono suave. Rareou a respiração de cada vez mais, até que parou de todo... para sempre.

Rodeavam-lhe o leito e o quarto humilde o seu Bispo Auxiliar, todos os Cónegos do Cabido, o corpo docente do Seminário, alguns outros sacerdotes e o pessoal da casa. E sem mais barulho, ali adormeceu no Senhor. Ninguém diria que estava morto. Parecia adormecido.

AS EXÉQUIAS

Teve logo ali as primeiras Missas de corpo presente, celebradas na sala contígua algumas horas depois.

Na câmara ardente teve, no dia seguinte, as três que a liturgia permite; e na capela do Paço Episcopal, ininterruptamente das 6 da manhã até ao meio-dia. Na Sé, na manhã do funeral, as missas começaram às 4.30 e foram até à hora da saída.

Foi aos ombros dos seus sacerdotes que, na urna de pau santo, com o caixão de chumbo, desceu pela última vez as escadas da sua Casa de Leiria e se encaminhou para a Sé Catedral.

Em frente do Paço apinhava-se uma multidão enorme, em que se confundiam todas as classes, dos mais pobres, que ele tanto amou, até aos mais elevados na escala social, com os quais trabalhou. Precediam o féretro duas intermináveis filas de sacerdotes e seminaristas, rematadas pelos membros do Cabido e por Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Euzé,



Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. José Alves Correia da Silva
Director Nacional dos Cruzados da Fátima

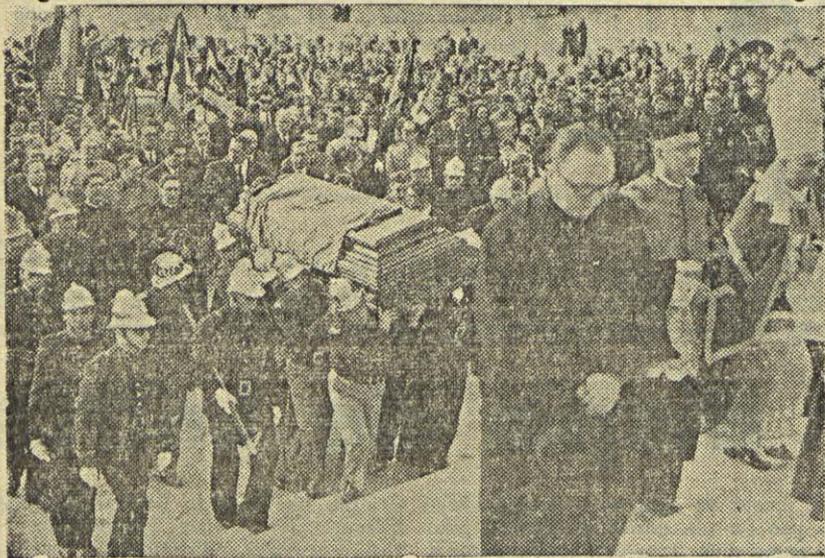
venerandas e queridas figuras do Episcopado Português.

Depois de uma vida tão cheia de amor, de sacrifício, de solicitude e, ao mesmo tempo, de firmeza e de desassombro na defesa dos direitos de Deus e da Santa Igreja, o Senhor D. José Alves Correia da Silva foi chamado à presença de Deus, a receber o prémio destinado àqueles que souberam neste mundo travar o bom combate.

mente a perda do seu solícito e querido Pastor. O mesmo movimento de pesar e saudade envolve sentidamente o coração de todos os católicos portugueses, e de modo especial os Cruzados, que sempre viram no saudoso Prelado o Bispo de Nossa Senhora da Fátima.

A MORTE

Eram 1.50 da manhã do dia 4 de Dezembro, quando voou para o Céu



A urna com os restos mortais do Senhor D. José, aos ombros de Bombeiros de Vila Nova de Ourém e de Leiria, quando começava a subir a escadaria da Basílica



nomeado já Vigário Capitular, que presidia.

A cidade sentiu a morte do seu Bispo. Não era só a Sé que na sua pobreza se vestia de luto e se mostrava triste na sua orfandade. O comércio teve sempre ao menos meia porta fechada. E no dia do funeral fechou por completo na parte da manhã. Os presidentes dos Sindicatos Nacionais com sede em Leiria pediram às entidades patronais que suspendessem o trabalho nesse dia, a fim de patrões e operários poderem tomar parte no funeral.

Era impressionante o aspecto da Sé Catedral. Não havia panos escusados nem luxo, detestado pelo grande morto que ali ia entrar pela última vez. Nem era preciso. Aquela pobreza extrema, aquela voluntária nudez servia de fundo maravilhoso à figura do Bispo que só por si enchia bem a Sé de qualquer cidade episcopal.

Encimada pela urna com os restos mortais do Senhor D. José, a essa erguia-se simples e austera, no centro do transepto.

O FUNERAL

Às 9.30 do dia 6, como estava marcado, começava o canto de *Laudes* do ofício de defuntos. As três naves da Sé e o transepto estavam literalmente cheios. Nos cadeirais do coro, 16 Arcebispos e Bispos de Portugal: Suas Excelências Reverendíssimas os Senhores Arcebispo de Milene, em representação do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, Arcebispo Primaz de Braga, Arcebispo de Cizico, Arcebispo-Bispo de Coimbra, Bispos de Beja, do Porto, de Viseu, da Guarda, de Lamego, de Faro, de Portalegre, de Limira, Bispos Auxiliares de Braga, do Porto e de Viseu.

Terminado o canto de *Laudes*, começou a Missa de Pontifical, celebrada por Sua Ex.^a Rev.^{mas} o Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo de Euzê do Epiro e Vigário Capitular da Diocese de Leiria.

No fim do Pontifical é do rito darem-se cinco absolvições. Deram-nas os quatro Senhores Arcebispos presentes e a quinta o Senhor Vigário Capitular.

Organizou-se em seguida o cortejo fúnebre, para acompanhar o saudoso extinto na sua última viagem para a Cova da Iria. A urna veio aos ombros de sacerdotes desde a essa até ao carro dos Bombeiros Voluntários de Vila Nova de Ourém que, com os de Leiria, se encarregaram de fazer a guarda de honra.

No largo da Sé e por todas as praças

e ruas até à saída da cidade, apinhava-se de ambos os lados enorme multidão, que, recolhida, vinha prestar a derradeira homenagem ao seu Bispo. Todas as actividades industriais e comerciais estavam paralizadas.

O acompanhamento enorme de automóveis ficou com alguns quilómetros de extensão.

Pelo caminho, pequenos grupos de fiéis à beira da estrada, rezavam pelo eterno descanso do Senhor D. José. Na Loureira, vieram as crianças da escola com a sua bandeira, formar alas à passagem do funeral. Parou o carro que transportava a urna e uma pequenita leu umas palavras de homenagem ao Senhor Bispo. E com as flores e as lágrimas dos pequeninos, veio-se o cortejo até à Cova da Iria, onde grande multidão já aguardava a chegada.

Da Cruz Alta até ao fundo do escadório, fez-se o acompanhamento a pé. Os Servitas (homens e senhoras) estavam largamente representados.

Uma vez dentro da Basílica, cantado o *Liber me* e as respectivas orações, colocou-se a urna no lóculo cavado de propósito na cantaria da capela-mor, do lado do Evangelho.

E ali ficou a dormir tranquilamente o seu último sono, na Casa da Mãe, aquele que na terra passara a vida ao Seu serviço. Tinha direito a ficar aqui, neste Santuário, o Bispo que o fizera nascer e erguer-se à altura em que ora se encontra.

Deus lhe dê o eterno descanso e a coroa de glória merecida, pela misericórdia do Senhor, ao longo de uma vida de trabalho, de sofrimento, de zelo pelas almas e pela glória de Deus, da Santíssima Virgem e da Igreja.

EXÉQUIAS SOLENES DO 30.º DIA

As exéquias solenes por alma de Sua Ex.^a Rev.^{mas} o Senhor D. José Alves Correia da Silva, celebraram-se na Basílica da Fátima, no dia 7 de Janeiro, com enorme concorrência de fiéis, não só da Diocese de Leiria como de todo o País.

Presidiu Sua Eminência o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal Patriarca de Lisboa.

Fez a oração fúnebre Sua Ex.^a Rev.^{mas} o Senhor D. Fr. Francisco Rendeiro, O. P., Bispo do Algarve.

Só no próximo número de «Voz da Fátima» poderemos dar notícia mais desenvolvida destas grandiosas cerimónias, que foram mais uma prova da grande veneração em que o Senhor D. José era tido e da muita saudade com que todos o choramos.

Pax tibi in æternum

As minhas palavras da crónica de hoje são de grande saudade e de profundo respeito pela alta memória do venerando Prelado que a Diocese de Leiria acaba de perder.

Conheci o Rev.^{mo} Senhor D. José Alves Correia da Silva há mais de cinquenta anos, quando Ele foi meu professor, durante alguns meses, no velho Liceu da Vitória. Suponho que dos meus professores do Liceu, era o Senhor D. José o único sobrevivente. Era, por isso, natural que à consideração pelas virtudes do Prelado da Fátima, eu juntassem uma especial ternura pelo professor que tivera em rapaz.

Há poucos anos, acompanhei a Leiria os estudantes do Teatro Clássico Universitário que ali foram dar uma recita. Instalei-me no Hotel Lis; mas, poucos minutos decorridos, o Reitor do Liceu, o simpático e culto Dr. Tinoco, veio buscar-me por vontade expressa do Senhor D. José que me queria conceder a honra de me hospedar no Paço. E quando, no regresso, passámos por Fátima, fomos acompanhados pelo Senhor Cônego Galamba, que ali, em nome do Senhor Bispo, nos ofereceu o almoço.

Pouco depois, por motivo da exumação e trasladação dos Videntes da Fátima para a nova Basílica, o saudoso Prelado indicou-me para servir de perito com o meu amigo Prof. Maximino Correia, Reitor da Universidade de Coimbra, e o meu Assistente Dr. Abel Tavares, intervindo também nos exames radiológicos do Dr. Albano Ramos.

Tive, assim, ocasião de ver quanto o Senhor D. José sofria e como lhe era penoso andar e celebrar. Mas nunca se queixava e, sentado à escrivaninha do seu gabinete ou nas cerimónias a que lhe cumpria presidir, o seu rosto, em que transparecia a bondade da sua alma, não revelava o sofrimento que padecia.

Tem razão D. Fulton Sheen, quando diz que as provações e os sacrifícios da vida são insuportáveis quando não temos ninguém para amar, mas podem tornar-se doces quando há alguém que amamos. E todos sabem que o Senhor D. José amava com todo o fervor a Virgem da Fátima

e n'Ela depositava confiança ilimitada. Algumas vezes me confessou que não deixava pedir para as obras do Santuário nem queria solicitar qualquer participação do Governo, porque entendia que Nossa Senhora bastava para tocar as almas dos homens e levá-los a dar as necessárias esmolas. Nesta ordem de ideias, contou-me que uma vez apenas lhe restavam cinquenta escudos para as despesas da casa no dia seguinte e estava, além disso, muito preocupado, porque tinha um elevado débito a satisfazer. Ao fim da tarde, uma alma aflita foi, desesperada, bater-lhe à porta e lá lhe levou os cinquenta escudos que lhe restavam. Entregou-se, então, nas mãos da Senhora e no dia imediato — em que devia saldar o compromisso — o carteiro traz-lhe uma carta registada. Vinha de África, creio eu, e, ao abri-la, cai-lhe nas mãos um cheque de importância bastante avultada. Um indivíduo de Leiria, que havia muitos anos de lá saíra, recebera da família uma encomenda que ia embrulhada num periódico local, não sei se na própria «Voz da Fátima». Vendo um jornal da sua terra, leu-o de princípio a fim, e, ciente da obra em que o saudoso Bispo andava empenhado, resolvera escrever-lhe e enviar-lhe aquele generoso donativo. «Por isso, comentava o Senhor D. José, cheio de confiança e alegria, não preciso de pedir nada a ninguém. Nossa Senhora, que conhece as nossas necessidades, é Quem lhes dá o competente remédio».

Quando faleceu o Prof. Dr. J. A. Pires de Lima, que escrevia neste jornal as «Palavras dum Médico», o Senhor D. José pediu-me que lhe sucedesse, dando-me, assim, mais uma penhorante prova de confiança. E no artigo de hoje, que lhe é dedicado, eu quis recordar o meu antigo professor do Liceu e prestar a minha saudosa homenagem à memória do grande Bispo que perdemos. E, ao terminar, lembro o pensamento do nosso épico numa das suas Elegias: «Quem morre, não morreu; partiu primeiro».

Porto, Dezembro de 1957.

Hernâni Monteiro

DOIS GIGANTES

Nos primeiros dias deste manso Dezembro, por dever de ofício tive de copiar de fio a pavio a bela descrição em que atilada pena se referia com enternecida saudade a um dos grandes, dos melhores amigos da Fátima: o Dr. Luís Fischer. Com brilho e delicadeza, punha-se bem em foco aquilo que com o seu coração vibrante de amor à Virgem Santíssima e com a sua pena de ouro, fizera lá fora na propaganda o famoso Lente da Universidade de Bamberg.

Encabeçava esse artigo necrológico a fotografia do saudoso morto da Alemanha, que dava a direita a outro grande, que nessa altura ainda nos honrava e alegrava com a sua bondade e com o seu enorme prestígio. Também ele, o bom Senhor D. José, acabou por nos deixar, e deixou-nos precisamente quando eu copiava as notas cronológicas do seu grande amigo da Alemanha.

Quero enlaçar e juntar os dois nestas simples e desataviadas linhas. Ambos eles foram grandes e deixaram de si a mais terna e abençoada memória. Ambos percorreram o longo caminho da sua vida espalhando sorrisos, consolações e bênçãos. De olhos fitos no alto, só por Deus e por Nossa Senhora viveram e trabalharam, na ânsia e no anelo de repartir com todos as riquezas e os benefícios da santa Religião de que eram ministros. Sobranceiros a questiúnculas e avessos às loucuras de que o mundo é fatídico teatro e viveiro, trabalharam como apóstolos. E lá estão já ambos, a receber a coroa e galardão das suas grandes canseiras apostólicas e do seu labor indefesso no campo do Senhor.

O Senhor D. José escolheu bem o lugar do seu eterno descanso. Fica bem no cantinho abençoado onde o precederam os dois felizes Videntes, o Francisco dos nossos

amores, a Jacinta do nosso encanto. Se porventura ele não o escolhesse em seu testamento, cabia-lhe esse lugar por todos os motivos. Ninguém podia recusar-lho, era seu por direito de eleição e de conquista. Pois não foi ele que, a um aceno da Virgem Miraculosa, ideou e levantou aquele monumento, onde todo o mundo vai ajoelhar confiado e reverente?

Está no seu lugar, e bendita seja a sua memória! E nós, ao ajoelhar naquele lugar sagrado, ao invocar o auxílio da Virgem Poderosa, não havemos de deixar no olvido o grande Pioneiro e o grande Trabalhador. Havemos de metê-lo por advogado e intercessor junto da Omnipotência suplicante. Já lá tínhamos à nossa disposição os dois simpáticos Pastorinhos: juntemos-lhes o inclito e saudoso Prelado. Será uma gloriosa trindade de poderosos advogados.

S. A.

Sufrágios

A Comissão Nacional Executiva da Pia União dos Cruzados da Fátima mandou celebrar no dia 21 de Dezembro, na Basílica dos Mártires, em Lisboa, uma Missa de sufrágio por alma do seu saudoso Director Nacional, o Senhor D. José Alves Correia da Silva. Dignou-se assistir S. Ex.^a Rev.^{mas} o Senhor D. José Pedro da Silva, Bispo de Tiava e Assistente Geral da Acção Católica Portuguesa.

A mesma Comissão Nacional Executiva convida todos os associados da Pia União dos Cruzados da Fátima e os filiados da Acção Católica a sufragarem a alma do ilustre e querido Senhor Bispo de Leiria.

Peregrinação de 13 de Dezembro

Quando, há anos, S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando e saudoso Bispo de Leiria, visitou pela última vez a Sé Colegiada de Ourém, as crianças, atraídas pelo movimento desusado e pelo sorriso bondoso do seu Prelado, corriam a beijar-lhe o Sagrado Anel. E o venerando Bispo, acariciando uns, mimoseando outros, disse-lhes: — *Meus meninos, quando ouvirdes o sino grande da vossa Sé, a dobrar, é sinal de que morreu o vosso Bispo. Rezai por mim!* Pelos olhos do Senhor D. José passou, furtiva, naquela hora, uma sombra de emoção; e quem presenciou a cena recorda-se de ter visto, entre sorrisos, algumas lágrimas a marejar o olhar dos outros espectadores. Porém hoje, que a perspectiva cedeu o lugar à realidade dos factos, em que os sinos grandes das Sés da Diocese dobraram a finados, todo o Bispado chora sentidamente a privação do Pastor — que durante 37 anos foi o seu Guia, Defensor da Fé, e sua Glória. À sombra do seu Báculo acrisolou-se a Fé e a Piedade dos fiéis. Pastor duma Diocese minúscula, a influência da sua acção pastoral fez-se sentir pelo mundo inteiro através da expansão da Mensagem da Fátima, que teve em S. Ex.^a Rev.^{ma} o mais zeloso e perseverante Apóstolo.

Deveríamos, talvez, começar esta crónica pela narrativa circunstanciada da romagem de 13 de Dezembro ao Santuário da Fátima. Todavia, sempre aflui aos lábios ou à pena o que é abundância no íntimo do coração. Ora hoje Leiria, de luto carregado, em todas as suas palavras evoca a Pessoa do Pontífice que o Céu chamou à recompensa eterna. E a «Voz da Fátima», posta a correr mundo, há 35 anos, desde 1922, pelo insigne Prelado da restaurada Diocese de Leiria, deve dedicar ao seu Fundador as primeiras colunas que saem a lume após o seu passamento.

Felicitar-nos-íamos, se nos fosse possível reproduzir na íntegra o formoso improviso que na homilia da Missa oficial desta última peregrinação de 1957 consagrou à memória do santo Bispo que, ali ao lado, dormia o seu último sono. Falou o Rev. Cônego da Sé Catedral de Leiria, Sr. Dr. José Galamba de Oliveira, que há 33 anos, é, passe a expressão, membro da Família Episcopal da Diocese de Leiria, íntimo de S. Ex.^a Rev.^{ma} e glória do Bispado a que tem trazido prestígio com sua valorosa e forte actuação. Registaremos esse justo louvor com a possível fidelidade.

Muito perto do local onde repousam os despojos mortais do Senhor D. José, o orador convidou os peregrinos que enchiam a Basílica a recordar o santo Bispo «num paralelo que foi uma lição para todos nós. A sua vida — palavra e exemplo — foi pregação da Virgem Santíssima. E o seu último sono foi começado ao lado da Imagem de Nossa Senhora. Junto da sua mesa de trabalho, Ela lá estava, a Imagem da «sua Senhora», permanentemente, como um símbolo do que foi a vida inteira do Prelado e a sua devoção. Durante 33 anos — confessa comovido S. Rev.^{ma} — teve oportunidades sem conto de testemunhar o que era a devoção do Bispo da Fátima por Nossa Senhora — nas visitas pastorais, nas pregações da Sé e outras, nas conversas íntimas, quando falava a grupos de peregrinos, como nas manifestações grandiosas realizadas no Santuário — palavra simples mas ao mesmo tempo tão sincera, eloquente e penetrante quando exaltava a Mãe de Deus, a «sua Senhora», como dizia nos seus últimos tempos. Aqui, repousando na Basílica do Santuário da Fátima, os seus restos mortais são para nós pregação eloquente. O seu silêncio — que o seu falar era bem eloquente — há-de ser para nós palavra alta, a convidar-nos a realizarmos, nós também, o programa de vida que Ele nos legou pelo exemplo e pela palavra tantas vezes repetida. A vida inteira do nosso Prelado foi a realização clara daquela palavra que a Senhora proferiu nas Bodas de Caná: «Fazei tudo o que o meu Filho vos disser». Esta devoção à Virgem Santíssima não fechou a vida do Senhor Bispo num cir-

culo pessoal, estreito. Deu-lhe tal expansão, que da sua alma grande ela transbordou para o mundo inteiro. Consagrou S. Ex.^a Rev.^{ma} toda a sua vida à realização dos desejos de Maria, para expansão do Reino de Deus. Não faltaram os que de algum modo se desedicaram porque, nomeadamente nos últimos anos, o Senhor Bispo só falava de Nossa Senhora — das manifestações que Lhe tributavam, das peregrinações ao seu Santuário, das cartas que recebia do estrangeiro, das apoteóticas recepções da Virgem peregrina em todo o mundo, dos milagres que Ela operava por toda a parte... O seu pensamento central era a Mãe de Deus na sua derradeira manifestação de amor às almas através da Mensagem da Fátima.

Os últimos tempos do Senhor D. José têm pontos de contacto muito salientes com o que a tradição nos conta de S. João Evangelista. Já velho, o Apóstolo, sempre que falava ou pregava, era para incutir nas almas a caridade fraterna. Os seus ouvintes queixaram-se. Não teria o grande Apóstolo mais nada para lhes dizer? E S. João esclareceu: — «*Meus filhinhos, se praticardes a valer a caridade, tereis cumprido toda a Lei*».

O Senhor D. José foi, na sua juventude em plena forma e saúde, um orador muito apreciado, não como os que delectam os ouvidos com palavras bem concatenadas, mas o Homem de Deus que cumpria a missão de ensinar, de levar à prática da virtude, de corrigir e elevar. A sua vasta cultura teológica adquirida no estudo, em profundas leituras e na oração, o contacto com o mundo e as almas, deram-lhe um cabedal imenso, bastante para alimentar uma pregação eloquentíssima até ao fim dos seus dias. Porém tudo resumiu na pregação de Maria. A evocação dessa vida apagada há pouco, vivida numa consagração absoluta à Igreja, a Deus e às almas, interpreta a espécie de «diminuição» de que podem acusá-la por se haver votado *só à Senhora*. Se nós também assim fizermos, Nossa Senhora, no último dia, nos acolherá sob o seu manto, onde já recebeu o seu Apóstolo, onde nos enebriará do perfume das suas virtudes, como canta a última antífona de Laudes do ofício da festa da Imaculada Conceição. Ela nos fará adormecer ao seu próprio colo, onde as nossas almas se abrirão numa contemplação plena de alegria, nossa herança e nossa sorte por toda a eternidade.

Eis, em resumo, o que foi dito aos peregrinos da Fátima em 13 de Dezembro, na homilia da Missa chamada *dos doentes*, de que foi celebrante S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo Titular de Euréa, eleito Vigário Capitular *Sede vacante* pelo Cabido da Sé Episcopal de Leiria, por voto unânime, logo que Deus chamou a Si a alma do venerando Pastor que tão devotadamente se consagrou ao seu rebanho e por ele se consumiu totalmente.

A concorrência de fiéis ao Santuário neste dia sofreu diminuição, talvez por que tinham vindo em multidão acompanhar o seu Bispo à derradeira morada no dia 6, numa manifestação de amor e saudade que seria autêntica consagração, se a memória do santo Prelado não gozasse já da immortalidade — por ter sido batalhador acérrimo e indomável pelos direitos de Deus, da Igreja e da Pátria mas, sobretudo, por há 37 anos concretizar todo o seu zelo em atender e realizar os pedidos de Nossa Senhora da Fátima.

O Celebrante deu a bênção eucarística individual aos enfermos, duas dezenas escassas, pegando à umbela o médico-servita Sr. Dr. Miguel Barata. Depois da Bênção geral aos peregrinos, S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo dirigiu-se aos peregrinos, pedindo-lhes que o acompanhassem na oração costumada pelo Santo Padre. Em seguida recordou o costume de se rezar no final das peregrinações mensais pelo venerando Prelado de Leiria. «*Nosso Senhor e sua Mãe Santíssima foram servidos chamá-lo à sua presença* — disse. *Temo-lo aqui. Rezemos um Pai Nosso e uma Ave-Maria pela sua bela alma*. E acrescentou: — «*No seu testamento o*

Senhor Bispo, depois de dizer que tinha sufragado a alma de seus Pais e das suas obrigações, escreveu: — «Entrego à caridade dos meus Sacerdotes e fiéis os sufrágios pela minha alma». Os peregrinos da Fátima são de algum modo seus fiéis...»

Rezou ainda S. Ex.^a Rev.^{ma} pelas grandes intenções da Mensagem da Fátima, particularmente pela conversão dos pecadores e conversão da Rússia. Finalmente rezou uma Ave-Maria que lhe fora pedida por um doente, rogo de sua mãe aflita. E terminou dirigindo a todos os peregrinos o convite de participarem nas exéquias solenes por alma do Senhor D. José Alves Correia da Silva, a celebrar em 7 de Janeiro na Basílica da Fátima, sob a presidência de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa.

A Imagem branca de Nossa Senhora, sobre o andor florido de crisântemos dourados, e aqui e ali de rosas brancas e rubras, talvez por que os nossos olhos A contemplavam marejados de lágrimas, dava-nos a impressão de estar também com a fronte velada pela tristeza. Mas como? Foi Ela que arrebatou, à recompensa eterna do Céu, a alma formosa do seu servo Fiel que nós choramos e ali dormia à sua mão direita.

Organizou-se a procissão que reconduziu Nossa Senhora à sua Capelinha. A melopeia triste do «Adeus» ecoava na esplanada coberta de luminosidade e aquecida pelo sol que nenhuma nuvem interceptava aos nossos olhares.

Cantou-se, como habitualmente, a «Salve Regina» que fechou as solenidades oficiais litúrgicas da peregrinação. Logo os Servitas, senhoras e cavalheiros, subiram ao Hospital, onde se reuniram sob a presidência do seu Chefe Rev. Dr. Armindo Valente. A Senhora D. Maria Celeste da Câmara de Vasconcelos (Alvaiázer) fez a leitura de uma comunicação, que em princípio se dirigia às Servitas, de que tem a superintendência, mas que foi abraçada pelos dois ramos com verdadeiro entusiasmo. Dizia a comunicação:

«*Não havendo tempo de vos consultar, mas julgando interpretar o desejo de todas de dar uma prova de gratidão à Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José, foi entregue a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. João um cartão com os seguintes dizeres:*

«*AS SERVITAS E OS SERVITAS DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA OFERECERAM AO SEU VENERANDO, QUERIDO E SAUDOSO FUNDADOR, D. JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA, EM HOMENAGEM DA MAIOR SAUDADE, UM ROSÁRIO DE MISSAS, NO QUAL ENTRA UM TRINTÁRIO, E PEDEM QUE DO CÉU ABENÇOE A ASSOCIAÇÃO QUE NA TERRA LHE FOI TÃO QUERIDA*».

Eis a chave de ouro desta modesta crónica — que é também homenagem humilde, mas profundamente sentida, de quem a escreve — ao Prelado que sempre venerou, admirou e amou, por ver em S. Ex.^a Rev.^{ma} não apenas o Bispo de Leiria, mas o Eleito de Nossa Senhora para ser, na mais profunda aceção e realização da palavra, o BISPO DA FÁTIMA.

V. de M.

Bodas de Prata Matrimoniais

Na maior intimidade celebraram, no Santuário da Fátima, no dia 3 de Dezembro, as Bodas de Prata do seu matrimónio o Senhor Ministro das Obras Públicas, Eng.^o Arantes e Oliveira, e sua Ex.^{ma} Esposa. Acompanhavam-nos seu filho e nora.

O Senhor Bispo de Beja, que nesse dia comemorava também o 36.^o aniversário da sua entrada na Diocese, veio celebrar-lhes a Santa Missa na Capelinha das Aparições, onde todos comungaram.

Antes da Missa, o Senhor Bispo benzeu novas alianças como recordação dos 25 anos de casados, e no fim disse-lhes breves palavras de congratulação, e implorou para lar tão cristão as bênçãos de Nossa Senhora.

O DISTRITO DE SANTARÉM consagrou-se a N. S.^a da Fátima

Por ocasião da visita da Imagem Peregrina do Patriarcado à cidade de Santarém, todo o Distrito se consagrou a Nossa Senhora da Fátima. O Distrito de Santarém é a circunscrição administrativa a que pertence a freguesia da Fátima e, portanto, o local da Cova da Iria, onde Nossa Senhora apareceu.

A fórmula da consagração foi lida pelo Sr. Eng.^o Castro Reis, ilustre Governador Civil, estando presente Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, que se dignou presidir às cerimónias e proferiu uma brilhante alocução.

A Imagem Peregrina, que nesse dia 15 de Dezembro regressou a Lisboa, foi despedida ao fim da tarde com uma grandiosa e soleníssima procissão do «Adeus».

Bodas de Ouro Sacerdotais do Senhor Bispo de Beja

O Senhor D. José do Patrocínio Dias, Venerando Bispo de Beja, quis começar no Santuário da Fátima, no dia 15 de Dezembro, as comemorações das suas Bodas de Ouro Sacerdotais.

Com o ilustre Prelado vieram de Beja cerca de 300 pessoas.

Durante a noite de 14 houve uma velada eucarística. No domingo, as cerimónias começaram por um solene Pontifical na Basílica, em que oficiou o venerando Prelado de Beja e assistiram os Srs. Governador Civil, Comandante da P. S. P., Presidentes das Câmaras, etc..

Depois do Pontifical, o Senhor D. José do Patrocínio Dias dirigiu palavras de agradecimento a todos os presentes e agradeceu também a Nossa Senhora da Fátima todas as graças que lhe tem dispensado, bem como a toda a sua Diocese.

Na casa dos Retiros houve almoço de confraternização, durante o qual o ilustre Prelado foi muito cumprimentado.

Senhor Arcebispo-Bispo de Aveiro

Encontra-se gravemente doente Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal, Venerando Arcebispo-Bispo de Aveiro. S. Ex.^a Rev.^{ma}, ao tempo das Aparições da Cova da Iria, era Arcebispo de Mililene e Governador do Patriarcado de Lisboa, na ausência, por desterro, do Cardeal Patriarca D. António Mendes Belo. Como tal, pois a freguesia da Fátima ainda então pertencia ao Patriarcado, teve Sua Ex.^a Rev.^{ma} uma acção da maior importância nos primórdios da História da Fátima.

Recomendamos às intenções dos Cruzados, como uma intenção muito especial, a saúde do Venerando Prelado.

Graças dos Pastorinhos

Agradecem e enviam esmolas:

- D. Maria da Conceição, Funchal, Madeira, 100\$00
- C. G. Ferreira, Funchal, Madeira, 20\$00
- D. Victória Galvão Silva, Torres Novas, 20\$00
- D. Maria Joaquina G. Sanches dos Santos, 60\$00
- D. Ermelinda Vieira, Praia da Vitória, Terceira, 40\$00
- Emídio Soares, Terra Chã, Terceira, 20\$00
- Manuel Baptista, Terra Chã, Terceira, 50\$00
- D. Margarida C. Ribeiro, Fonte Bastardo, 50\$00
- D. Paula da Costa, Fonte Bastardo, 20\$00
- F. Isabel P. Menezes, Fonte Bastardo, 200\$00
- D. Filomena Garcia, Castelo Branco, Fátima, 20\$00
- D. Maria S. Soares, S. Bartolomeu, Terceira, 20\$00
- António Fagundes, S. Bartolomeu, Terceira, 5\$00
- Anónimo, Serreta, Terceira, 100\$00
- Luis Correia, Serreta, Terceira, 20\$00
- D. Maria dos Anjos Pimentel, Açores, 10\$00
- Eduardo Silva, Marco de Canaveses, 100\$00
- Miguel Horácio Pereira, 50\$00
- Manuel da Costa Figueira, Frescaíña, 70\$00
- D. Maria Ivone da Conceição Afonso, Freixial do Campo, 10\$00
- António dos Santos, Lisboa, 10\$00
- D. Maria Ester de Matos Ferrão de Carvalho, Porto, 20\$00
- D. Maria Matos da Rocha, Brasil, 20\$00
- António dos Santos Pinto, Vila do Espinhal, 10\$00
- D. Olinda Dantas da Costa, Monção, 20\$00
- D. Maria Ana Carreiro Baptista, Açores, 20\$00
- Luis Pereira, Setúbal, 100\$00
- D. Zulmira Rosa Carvalho, Arcozelo, Granja, 20\$00
- D. Virgínia Pimentel, S. Miguel, Açores, 50\$00
- D. Maria de Fátima, S. Romão de Neiva, 20\$00
- D. Maria J. Ferreira, S. Bartolomeu, Terceira, 20\$00
- D. Rosa Franco Taveira Cabido, Ribeira Grande, 20\$00
- António Rodrigues Júnior, Venezuela, 20\$00

BISPO DE NOSSA SENHORA CRUZADA DA FÁTIMA

Abre-se hoje um parêntese na linha geral destes artigos sobre Nossa Senhora, para se dizer uma palavra de saudade sobre o grande Prelado, cuja alma, heróicamente cristã, Deus chamou à Sua presença. E nem será propriamente um parêntese, porque falar do Senhor Bispo de Leiria significa necessariamente falar de Nossa Senhora.

Efectivamente, desde que, a concluir o processo sobre as Aparições da Fátima, o Senhor D. José Alves Correia da Silva as declarou dignas de crédito, o inclito Prelado fez da Mensagem da Fátima fulcro da sua acção. Atento a tudo quanto na Diocese de Leiria se passava, era no entanto para Fátima que irresistivelmente pendia o seu coração.

Prudentemente, duvidara a princípio, e, como ordena a Santa Igreja, procedeu a averiguações rigorosas. Obtida a certeza, nunca mais em sua alma houve sombra de hesitação.

Na vida episcopal do Senhor D. José, sob o aspecto fatimista, há a considerar um primeiro tempo, pessoal e íntimo. Neste tempo, nasce, cresce, faz-se incêndio de luz a devoção a Nossa Senhora da Fátima. Certo de que Nossa Senhora aparecera aos Pastores, no ermo da Cova da Iria, que se integrou na Diocese restaurada, era seu direito e seu dever considerar-se Delegado oficial de Nossa Senhora para a divulgação da sua celestial Mensagem. Muitas vezes se lhe tem chamado «Mordomo» de Nossa Senhora. O termo é ainda inadequado em seu conteúdo e extensão, embora não o seja na intenção com que foi empregado. Lugartenente ou Vigário seriam expressões mais exactas. A nomeação oficial fizera-a a Santa Igreja, ao nomeá-lo, por inspiração do Espírito Santo, Bispo de Leiria, que possui a graça de ter Fátima em seu termo. Consciente desta nomeação que lhe deu mandato e missão, o Senhor D. José nunca deixou de exercê-la com amor, manifestado da maneira forte que notoriamente o caracterizava.

Esta manifestação constitui o segundo tempo da sua devoção fatimista. Ocorre a palavra conhecida de Santo Agostinho: «Ama et fac quod vis». Era ardente e infatigável o amor. De amor haviam de ser marcadas necessariamente as obras. Estas podem incluir-se em duas categorias: a acção no Santuário; a expansão da Mensagem da Fátima no mundo.

Quanto à primeira, viria a propósito recordar a série de trabalhos materiais, desde a compra de terreno vastíssimo, os quais culminaram na grande esplanada, com a arcaria monumental a abraçar a Basílica, e os trabalhos mais profundos do espírito, que se iniciaram por tímidas peregrinações, passaram a ser manifestações ininterruptas, de carácter local, diocesano e nacional, com larga representação de estrangeiros, e atingiram o seu esplendor maior na Coroação da Imagem de Nossa Senhora e no Encerramento simbólico do ano jubilar de 1951, uma e outra cerimónia honradas com a presença do Santo Padre, representado por Seu Legado «a latere».

Integrando as obras arquitectónicas do Santuário no seu meio cronológico, político, religioso e social, tem de admirar-se a visão rasgada do Prelado. Só um temperamento de coragem destemida e de confiança ilimitada conseguiria começar com tal largueza e realizar com tão divina pertinácia. E tudo veio a passar-se sob o seu olhar vigilante e amoroso. Estamos a vê-lo, já cansado, à sombra da Basílica, observando com solicito interesse os canteiros, aparelhando e afeiçoando as pedras. Pareceu-nos simbólico o facto. De perto e de longe, sempre o Prelado acompanhou com entusiasmo e com amor a evolução das obras.

O mesmo cuidado, ou maior ainda, no desenvolvimento espiritual. As pequenas e raras visitas do começo tornaram-se reuniões comuns da Diocese, de toda a Acção Católica portuguesa, em todos os planos e escalões, de todas as associações de apostolado e de piedade, de peregrinações internacionais, com centenas, muitas centenas de milhares de peregrinos idos de todo o mundo — fornalha universal de piedade, onde a todas as horas as almas se purificam de seus pecados e se revestem do manto luminoso da graça.

Pareceria, porém, à alma insatisfeita do Prelado que a missão da Fátima não estava a cumprir-se integralmente, apesar de formarem legião os peregrinos de todas as nacionalidades e de todas as línguas. Quantos outros não se ficariam em suas terras, sem poder vir à Fátima, talvez sem ouvir falar dela? E começou a peregrinação da Imagem, primeiro por Portugal, depois por todo o mundo. Recordamos a recepção apoteótica da Capital, quando, pela primeira vez, ali foi a veneranda Imagem, levada pela devoção das raparigas da J. C. F., durante o seu II Congresso Nacional. Era Lisboa inteira a rezar, a cantar e a chorar e, com Lisboa, pela telefonia, principalmente na inolvidável procissão da noite, rezava, cantava e chorava Portugal inteiro.

Com o Senhor Bispo de Leiria, em nome de Sua Eminência, foi-nos dada a honra de acompanhar a Imagem no seu regresso à Cova da Iria. Há cenas que para sempre se nos gravaram na memória e no coração. O que foi esse trajecto de lágrimas, de flores e de fé! E na chegada, às 16 horas, (tínhamos saído de Lisboa de madrugada) Sua Ex.^a Reverendíssima, como velho pai que deliciosamente abre o coração aos seus filhos, deu conta de tudo quanto seus olhos tinham visto, e ouvido seus ouvidos, em louvor da Senhora, na Capital do Império.

Também, pela função que exercíamos, e em nome do Episcopado, assistimos na frente do Marvão à primeira saída da Imagem ao estrangeiro. Havia ordem rigorosa de manter os portugueses em nossa terra e os espanhóis em sua terra, sem violar o de fronteiras. Mas, como conseguir evitar a confraternização entusiástica, nessas horas de fé candente?

Em Santiago de Compostela, durante uma pequena peregrinação da Acção Católica, em Bruxelas, nas festas jubilares da J. O. C. belga, no Rio de Janeiro, no Congresso Eucarístico Internacional, sempre a Imagem, ida de Portugal, foi alvo de manifestações frementes. E na ronda da terra, como está escrito em conferência ardente, de quem acompanhou a Senhora, e em relato circunstanciado, de «Fátima-Altar do Mundo», à vista da mesma Imagem, em homenagem comovida, ajoelharam-se sempre os católicos e, muitas vezes, ao lado deles, protestantes, maometanos e judeus.

Fervorosamente ia o Senhor D. José acompanhando estas peregrinações assombrosas, através dos jornais e as cartas que lhe enviavam pessoas da comitiva da «Senhora». E dessas cartas dava conhecimento alvorçado em reuniões de Prelados. Estas peregrinações contribuíram para dar carácter universal, de facto, à Mensagem da Fátima, desde a primeira hora universal, de direito.

Chegadas as obras do Santuário ao ponto em que se encontram, tornada Fátima Altar do Mundo, pelo movimento espiritual da Cova da Iria, e pela peregrinação universal da Imagem, completou-se a missão do Vigário de Nossa Senhora. Muitas vezes terá ele repetido as palavras do santo velho Simeão: «Nunc dimittis, Domine... Agora, Senhor, podes despedir o teu servo, segundo a tua palavra, em paz...»

Em paz morreu o Servo fiel. De tão habituados que estávamos todos a vê-lo na Fátima, parecia-nos que já pertencia à paisagem espiritual da Cova da Iria. No seu testamento determinou que o seu corpo fosse sepultado no Santuário da Fátima.

Piedosamente foi cumprida a sua vontade.

Mesmo no seu corpo, até à hora da ressurreição universal, para sempre o Senhor Bispo de Leiria pertencerá ao património espiritual da Fátima.

† MANUEL, Arcebispo de Évora

Já lá vão alguns anos. Foi numa tarde silenciosa do mês de Setembro. Na vasta esplanada da Cova da Iria, dispersavam-se pequenos grupos. Havia, por certo, devotos enamorados da Mãe de Deus e também curiosos, levados pela ambição de ver terras novas. E junto da Capelinha das Aparições, o meu espírito recolhia-se, por momentos, favorecido com vantagem pelo misticismo que se desprendia daquela doce atmosfera de paz. Era fora das peregrinações. A alpendrada estava quase repleta de fiéis que rezavam.

Entretanto senti a surpresa de alguém que me tocou no ombro com ar de confiança. Era um rapaz amigo, que estava longe de me supor em Fátima naquele momento e que, depois de feitas as saudações, me dizia com muito espanto:

— Está aqui tanta gente a rezar!... Então Nossa Senhora ainda cá tem aparecido agora?!...

Tive pena do pobre rapaz, que estava leigo no assunto. Ia em excursão pelo país e passou também pela Cova da Iria; mas naquela palavra de tanta admiração, mostrava realmente não saber coisa alguma da Fátima. Eu só lhe disse em resposta:

— Não, não consta que Nossa Senhora cá tenha aparecido agora; mas o que Ela aqui veio dizer há tantos anos — e disse-lhe a conta dos anos — já chega para quem tiver um pouquinho de sentimento.

Fiquei, durante largo tempo, a sismar na pergunta do excursionista, por ver nela um termómetro que me veio dizer com certa precisão a pasmosa ignorância que ainda paira em Portugal, a respeito da Mensagem da Fátima, do recadinho especial que Nossa Senhora veio confiar em primeira mão aos Portugueses.

Recordei o episódio referido ao ler, no mensário duma Diocese do Norte do país, uma determinação do seu Venerando Prelado, referente a uma campanha de pregações, a favor dos Cruzados da Fátima, a realizar em todas as paróquias da mesma Diocese.

Nessa local se afirma que os objectivos da campanha estão «em tornar conhecida a Mensagem da Senhora,

na certeza de que sem isso terão sido inúteis as aparições no local bendito da Cova da Iria».

E que outra forma mais a propósito do que levarmos os Portugueses a inscreverem-se na Pia União dos Cruzados?

Foi esta a Grande Cruzada, organizada pelos Bispos Portugueses, logo desde o raio da história das aparições. Esta gloriosa cruzada deve impor-se por todos os motivos.

Pois não foi a Senhora quem veio, há 40 anos, acordar a alma nacional, dando início a toda a obra de restauração cristã na terra portuguesa?

Não foi Ela quem veio soltar o brado de alerta, para despertar tantos filhos da Pátria que os erros crassos das velhas demagogias tinham levado ao esquecimento de Deus?

Os golpes da revolução esquerdista tinham aberto brechas profundas em todos os sectores da vida social portuguesa. A escola sem Deus roubara às famílias os pergaminhos da sua nobreza antiga — património riquíssimo de espiritualidade.

Mas quando a Senhora falou aos três pegureiros da Serra de Aire e por eles a Portugal, eis que uma lufada de ar fresco correu veloz a purificar o ambiente sedição de libertinagem, de impiedade, que pairava dentro dos muros da Pátria.

Ouvira-se, de verdade, uma voz de alerta a acordar tantos e tantos que dormiam a sono solto ao longo do caminho da vida.

Levantara-se de novo um sol primaveril, a beijar os canteiros risinhos da família, como anúncio de melhores dias para a Pátria e para o mundo afinal. Eis por que a grande Cruzada da Fátima tem de ser necessariamente uma Cruzada de reconquista cristã em toda a terra portuguesa.

Este simpático jornalzinho da VOZ DA FÁTIMA, entrando em todas as casas, está destinado, mais que qualquer outro órgão da imprensa, a ser o paladino destemido da grande alma que se levanta.

Aspiramos por ver chegar o dia da VOZ DA FÁTIMA tornada órgão de penetração em todos os lares, levando a boa nova a todos os recantos da Pátria lusa.

PELO PAÍS

Em terras do Baixo Paiva

Foram sobretudo Parada de Este e Alvarenga que ultimamente foram atingidas, na região do Paiva, pela Cruzada da Fátima. São paróquias muito dispersas; mas os seus zelosos Párcos não se pouparam a esforços para que o grito da Senhora chegasse a toda a parte. Noninha e Bustelo, Sobrado, Eiras e Eiris, povos perdidos já na orla dos matos, receberam com estremecimento de alma a mensagem da Senhora e logo correram a inscrever-se na proporção de um Cruzado por família.

Em terras de Montemuro

Em romagem de zelo e amor à Mãe de Deus, alguns sacerdotes percorreram diversas freguesias da Serra do Montemuro, a anunciar a Cruzada da Fátima.

No geral, trata-se de terras alheias a preconceitos religiosos, que logo correram alegremente a alistar-se debaixo da bandeira da Virgem Aparecida. Que o digam Alhões e Ramires, Gralheira e Panchorra, Bigorne e Mezio, Picão e Mouramorta, onde a Senhora da Fátima conta inumeráveis devotos.

Bispos peregrinos

O Senhor Bispo do Funchal, Dom Frei David de Sousa, antes de ir tomar conta da sua diocese, para onde foi recentemente eleito, veio à Fátima pedir as bênçãos de Nossa Senhora. Rezou missa na Capela das Aparições.

Mons. Eustace Smith, Bispo de Beirut, no Líbano, visitou a Cova da Iria no dia 7 de Dezembro e celebrou no local das Aparições. Era acompanhado do seu secretário P.^o John Lambert.

No dia 12 esteve no Santuário Mons. Joseph J. Harnett, da diocese de Filadélfia, que se encontra no Saigão como delegado do Episcopado Americano para os refugiados do Extremo Oriente.

Notícias do Santuário

No dia 29 de Novembro, à noite, começou no Santuário um retiro a um grupo de 40 raparigas universitárias, de Coimbra, do «Lar Académico» das Religiosas Doroteias dessa cidade. O retiro, que terminou no dia 3 de Dezembro, de manhã, foi dirigido pelo Rev. Sr. P.^o Abranches, da Companhia de Jesus.

— Embora seja muito diminuto nestes meses de inverno o movimento de peregrinos, todos os dias se vêem no Santuário pequenos grupos de devotos de Nossa Senhora, nacionais e estrangeiros. Aos domingos a frequência dos sacramentos continua, graças a Deus, em grande número.